

Coluna do Castello

Du côté de chez Sarney



O presidente José Sarney ainda está vivendo no clima de Acapulco, cidade que não chegou a conhecer, tal o seu envolvimento na reunião dos presidentes latino-americanos e tal a barreira de segurança nas suas saídas do hotel. Mas o que lá viveu e ouviu o fez esquecer por algumas horas o pessimismo e o estado de depressão dominantes no país, que atribui à influência das "cassandras e das carpideiras", e reencontrar-se com a esperança e o otimismo que o Brasil ainda desperta no exterior. Durante alguns dias, disse o presidente que teve duas imagens diante dos olhos e pôde compará-las e medi-las na sua realidade atual e futura.

Para compensá-lo das mágoas que provocam no presidente o descrédito que sobre sua pessoa e sua administração lançam os políticos, o general ministro do Exército observava ontem a interlocutores da sua confiança que "o que está havendo em relação ao presidente da República não vai ficar bem para os brasileiros de hoje". O general Leônidas Pires Gonçalves põe em contraste essa imagem do presidente com a imagem dos próprios políticos, que não é boa não só para os dirigentes e as "classes altas" mas também para o povo. Para ele é insustentável apresentar como incompetente um homem "compreensivo, suave e bom patriota" como o sr. José Sarney.

Há para o ministro do Exército toda uma obra de destruição política destinada a retirar a sustentação indispensável ao presidente da República, que vai se tornando, graças a esse esforço, alguém "estranho ao ninho". Estariam demolindo a imagem de uma pessoa que deveria representar esperança e não timidez e indecisão, que não seriam em absoluto suas características. Para o ministro, o presidente tem um passado de lutas que não pode ser esquecido. Ele começou por enfrentar no Maranhão a oligarquia montada pelo senador Vitorino Freire, derrotando-a, e concluiu sua passagem pelo Congresso rompendo com a estrutura do poder militar, desafiando-a. Essa é que seria a sua biografia.

Reclama-se do presidente não ter ele dado "um murro na mesa". Mas como agir assim se lhe retiram o apoio político de que carece todo governante? A nova geração de políticos que está operando no país, nos diversos estágios do poder, não estaria demonstrando compreensão e grandeza, o que deve preocupar muito. Lamentou também que um velho político como o sr. Luís Carlos Prestes, num programa humorístico de Agildo Ribeiro, na televisão, tenha respondido ao "boneco" de Sarney que "queremos vê-lo pelas costas o mais cedo possível. Ninguém o agüenta mais". Isso não corresponde à atmosfera contemporânea do mundo, no qual se abrem todas as fronteiras. Inclusive na União Soviética.

O general Leônidas Pires Gonçalves lembrou finalmente que o presidente José Sarney não está no Palácio do Planalto por decisão do PMDB ou do PFL. "Ele está na presidência pelos desígnios de Deus. Quem o pôs lá foi a morte de Tancredo Neves e não qualquer partido ou qualquer político."

O ministro do Exército lembrou ainda ao seu interlocutor que, se a situação do país está difícil, não é por culpa dos militares, contra os quais nada se alega no presente. Todas as restrições situam-se no passado. "Estamos presentes na Constituinte não para defender interesses de classe ou pessoais, mas para colocar problemas relacionados com a defesa da identidade nacional, da sua segurança, da sua soberania e dos seus compromissos."